

A TV DE TIRIRICA ...

(Publicado no jornal DIARIO DO NORDESTE em 17 de Outubro de 2010)

Na metade do século passado, nascia no Brasil a idéia de uma indústria aeronáutica. Era um sonho que fascinava o oficial do Exército Casimiro Montenegro, “cabra da peste” nutrido nas cercanias de Fortaleza. Montenegro cutucava seus alunos: “Um dia, vocês implantarão a indústria aeronáutica no Brasil”. Partiu, então, para a criação do ITA e do CTA, presentes no DNA da Embraer.

O reconhecimento recente da TV digital brasileira pela União Internacional de Telecomunicações (UIT) remeteu-me à personalidade multifacetada e ousada de Montenegro. A partir de 2010, o software Ginga, coração do Sistema Brasileiro de de TV digital (SBTVD), desenvolvido por Luiz Fernando (PUC-Rio) e Guido Lemos (UFPb), com importante contribuição cearense (UFC, Unifor, IFCE e IA), passa a ser o quarto padrão mundial de middleware, ao lado dos similares americano, europeu e japonês.

“Middleware, num sei bem o que é não, mas quando eu fizer um curso em Brasília eu conto”, diria o Deputado Francisco, de Itapipoca! Entretanto, Luiz Fernando e Guido Lemos já sabiam há mais de quinze anos. Em abril de 2009, a UIT já havia aprovado a linguagem NCL e o ambiente GINGA-NCL, tecnologias criadas no Brasil de Montenegros, e Tiriricas, para oferecer interatividade plena à TV Digital.

Na verdade, em 2003, o Brasil resolveu consultar seus pesquisadores para decidir se era melhor comprar um dos padrões de TV digital já existentes ou se deveríamos desenvolver um modelo tupiniquim, adequado aos interesses e características do país. A lógica era simples: considerando que a TV analógica (atual tecnologia), presente em todas as residências brasileiras, seria substituída pela TV digital (tecnologia do computador), por que não aproveitar essa nova tecnologia para oportunizar a todos os brasileiros o acesso a serviços digitais? Agregue-se o fato de apenas 20% da população brasileira ter acesso à Internet. Portanto tudo levava a crer que com uma TV digital desenvolvida na terra do Tiririca “a inclusão digital pior não fica”!

(continua)

Essa foi uma “grande sacada” brasileira, digna do Marechal Montenegro, uma idéia capaz de criar uma nova indústria. Acontece que, a época, “essa coisa de TV digital brasileira mais parecia invenção de abestado”! Não foi fácil! Que o diga o Ministro das Comunicações em 2004, Eunício Oliveira, que enfrentou pressões de vários matizes e interesses diversos que desdenhavam da competência nacional em produzir tecnologia no setor, inflamados por uma baixa autoestima incompatível com a saga de Montenegro.

Se o Ceará exerceu papel político e tecnológico decisivo no SBTVD, temos hoje, com um modelo já sendo exportado para a América Latina e África, o desafio de pragmatizar o discurso de uma TV Digital concebida para o social. O projeto LARIISA , por exemplo, coordenado pelo Dr. Odorico Andrade no Instituto CENTEC, fará uso da TV digital para beneficiar, na área da saúde, comunidades excluídas do mundo digital.

É essa “teimosia” cearense de acreditar no Brasil, herdada de Casimiro, que permitiu ao Ceará contribuir para a TV digital brasileira, uma TV que queriam de Tiririca, que acabou, porém, sendo a TV de Montenegro

Mauro Oliveira

Professor da UNIFOR, ex-secretário nacional de telecomunicações.